

Questões de gênero: percepções sobre as mulheres mães quilombolas do Vale do Jequitinhonha - Minas Gerais em diálogo (?) com o Ocidente

Flora Rodrigues Gonçalves¹

¹ Instituto René Rachou – Fiocruz Minas florargoncalves@gmail.com

Propósito

O objetivo desse trabalho é compreender as diversas dimensões do “ser mulher” nas comunidades “matriarcais” quilombolas, em contraste com a concepção construída de mulheridade nas sociedades ocidentais. A partir de tais reflexões, pensando o gênero como tecnologia (Teresa de Lauretis, 1987), intentamos compartilhar e debater as experiências de cuidado protagonizadas pelas mulheres quilombolas do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, compreendendo as estratégias criadas por elas como forma de resistência e luta antirracista, focando nas relações de gênero.

As mulheres quilombolas são lideranças no enfrentamento às demandas territoriais e responsáveis pela manutenção e a salvaguarda de uma boa saúde em suas comunidades. Porém, tal enfrentamento, muitas vezes romantizado e corporificado nessas mulheres, consideradas, em muitas ocasiões, como “salvadoras” territoriais e culturais, são fontes inesgotáveis de adoecimento físico, mental e social. Isso significa que, as mulheres quilombolas, ao reivindicarem o cuidado como pauta política e social de suas existências, compreendem, ao mesmo tempo, a responsabilidade e o peso atribuído a elas no acesso afetivo e estrutural ao direito territorial.

A partir da maternidade, alguns apontamentos se fazem necessários. Sabemos que entre cuidar, isolar, gestar, parir e enterrar filhos, existem diversos marcadores sociais da diferença que impactam de maneiras diferentes as mães quilombolas das “outras” mães (aquelas que participam historicamente das lutas civis feministas nas cidades, que se encontram no lugar de teóricas, pesquisadoras e militantes dos direitos reprodutivos). Enquanto relato de experiência, essa proposta versa também sobre minha condição de mãe, pesquisadora, cuidadora, mas não só. É também no debate entre nós e sobre nós que algo novo pode surgir, quiçá uma ciência com afeto, com corpo, com luta, com diversidade, no plural: com mães. Em diálogo com o feminismo interseccional e o feminismo negro, pretende-se aproximar as vivências femininas quilombolas com o arcabouço teórico feminista, afim de tensionar suas diversidades e formas



de existir (e atuar) no mundo. Como objeto de análise, apresentaremos a experiência das mulheres do quilombo do Córrego do Rocha e do Quilombo do Córrego do Narciso, compreendendo suas formas de cuidado coletivo e as práticas de saúde engendradas por elas, relacionando-as, por fim, com a matriz de alguns estudos feministas atuais.

Revisão da literatura

A literatura produzida sobre o cuidado e as práticas de saúde engendrados pelas mulheres quilombolas é significativa. Itinerários terapêuticos, formas de cuidado a partir das plantas, sementes, crianças e territórios (Gomes et. al. (2023); Almeida (2022); Dealdina, 2020). Temos também pesquisas importantes circunscritas em sua territorialidade a partir das práticas de cura das mulheres quilombolas, porém, grande parte dos resultados acabam sendo reificados ou isolados de um compartilhamento comum entre a produção do conhecimento hegemônico e a produção do saber quilombola. Portanto, defendo que a partir do cuidado e da maternidade nossas vivências e produções científicas se encontram e se atualizam, gerando reflexões importantes para uma ciência corporificada, racializada, generificada, com luta, afeto e paixão.

Procedimentos metodológicos

Essa apresentação surge do meu trabalho de pós-doutorado realizado nas Comunidades Quilombolas do Córrego do Narciso e Córrego do Rocha, ambas localizadas no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Como antropóloga sanitária, meu trabalho é baseado em pesquisas metodológicas de cunho qualitativo, como a etnografia e as escutas qualificadas a partir da História Oral e Análise do Discurso.

Resultados

As mulheres quilombolas são lideranças no enfrentamento às demandas territoriais e responsáveis pela manutenção e a salvaguarda de uma boa saúde em suas comunidades. Porém, tal enfrentamento, muitas vezes romantizado e corporificado nessas mulheres, consideradas, em muitas ocasiões, como “salvadoras” territoriais e culturais, são fontes inesgotáveis de adoecimento físico, mental e social. Isso significa que, as mulheres quilombolas, ao



reivindicarem o cuidado como pauta política e social de suas existências, compreendem, ao mesmo tempo, a responsabilidade e o peso atribuído a elas no acesso afetivo e estrutural ao direito territorial.

Temos muito que aprender sobre a dimensão do cuidado quilombola para compreender que não existe um cuidado compartimentado ou como categoria opressora: ao mesmo tempo que elas se responsabilizam por ele, elas o transformam em ferramenta de luta. Os caminhos do cuidado quilombola também apontam para uma maternidade compartilhada como fonte de sabedoria, esmero, precaução e acolhimento das mulheres mães e seus filhos – de forma simétrica, com afeto e ação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariléa de. *Devir Quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas*. São Paulo: Elefante, 2022.

DEALDINA, Selma dos Santos (org.). *Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas*. São Paulo: Suely Carneiro / Jandaíra, 2020.

GOMES, Rafael Fernandes, Oliveira, P.S.D, Silva, M.L.O, Miranda, S.V.C, Sampaio, C.A. ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS NO CUIDADO EM SAÚDE EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS. *Cien Saude Colet* [periódico na internet] (2023/Jun). [Citado em 22/07/2024]. Está disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/itinerarios-terapeuticos-no-cuidado-em-saude-em-comunidades-quilombolas/18776?id=18776>

LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. Technologies of gender, Indiana University Press, 1987.